

# É tempo de falar de Deus



Carta pastoral do Bispo de Mainz,  
Dom Peter Kohlgraf,  
para o tempo quaresmal de 2024

Umschlagmotiv und Details:

Paul Klee (1879-1940)

Feuer bei Vollmond (1933)

Mischtechnik auf Leinwand, 50 x 65 cm

Foto: © Museum Folkwang Essen – ARTOTHEK

Herausgeber:

Bischöfliche Kanzlei/Publikationen Bistum Mainz 2024

Bischofsplatz 2, 55116 Mainz

Layout: B. Nichtweiß

Portugiesische Übersetzung:

Tradução de Cláudia e Leandro Fontana; revisão de P. Rui Barnabé

Eine Version in Einfacher Sprache sowie Übersetzungen  
in Sprachen von Gemeinden anderer Muttersprache im Bistum Mainz,  
Fürbitten, eine Audio-Fassung und ein Video in Deutscher Gebärdensprache  
stehen zur Verfügung unter

[bistummainz.de/fastenhirtenbrief-2024](http://bistummainz.de/fastenhirtenbrief-2024)

Herzlichen Dank für alle Hilfe bei den Übersetzungen!

Estimadas irmãs e estimados irmãos da Diocese de Mainz!

É tempo de falar de Deus. Nas meditações do teólogo e membro da Resistência Alfred Delp, escritas em 1944, encontro o seguinte pensamento: “Como pudemos aprisionar o Senhor Deus nos limites e fronteiras da nossa utilidade, dos nossos caprichos, das nossas sensações, da nossa autorrealização etc... Nós só reconhecemos a Deus como o que há de mais elevado, de mais espiritual e de mais santo na medida em que d’Ele recebemos, em troca, aprovação e incentivo em nossa autossuficiência e vontade própria.”<sup>1</sup>

Devo admitir: isso me perturba um pouco: 80 anos depois da publicação deste texto, a sua ideia de fundo parece ser mais atual do que nunca. É um fato: nos nossos dias, Deus e a busca por Ele têm cada vez menos relevância. Quem sabe, uma razão para isso seja o fato de existirem tantas outras propostas que nos pareçam talvez mais úteis e mais de acordo com as ideias humanas. Deus não é necessário para realizar os meus projetos, para encontrar felicidade, para me manter saudável. Mesmo na Igreja, corremos constantemente o risco de só nos servirmos de Deus para justificar as nossas próprias ideias e metas. Mas esse não pode ser o Deus do qual fala a Bíblia e pelo qual tantas pessoas deram tudo de si, chegando ao ponto de darem a própria vida. Não necessitamos de um Deus útil. Este Deus tornou-se supérfluo.

---

<sup>1</sup> Alfred Delp, Meditationen „Gestalten der Weihnacht“. Roman Bleistein, Alfred Delp – Gesammelte Schriften. Bd. 4: Aus dem Gefängnis. Frankfurt am Main 1984, S. 200.

É bom que, mesmo nos dias de hoje, muitas pessoas continuem a encontrar em Deus amparo, consolo e um fundamento para as suas vidas. Comprometem-se na Igreja, empenham-se em ajudar os outros de múltiplas formas, pois experimentam que não podem guardar para si a experiência consoladora da Fé. No entanto, um olhar atento para o estado em que se encontra o nosso Mundo também dificulta a Fé em Deus, pelo menos da forma como Ele é normalmente apresentado no anúncio. Como pode um Deus bondoso permitir a guerra, o ódio, a destruição, a doença e sofrimentos infundáveis neste Mundo? Até hoje, esta realidade sombria do mundo é a mais poderosa objeção à existência de um Deus todo-poderoso, bondoso e misericordioso. Sem dúvida, que se pode justificar guerras, ódio e destruição usando o argumento do uso indevido da liberdade humana. Para muitas pessoas, no entanto, esta justificação não é realmente satisfatória. Existem demasiadas formas de sofrimento que não podem ser explicadas de qualquer forma racional.

Esta incerteza na fé não é de modo algum estranha à Bíblia. Para mim, o livro mais perturbador das Escrituras é o livro de Jó. Em termos gerais: Jó é um homem justo que honra a Deus, pratica o amor ao próximo e vive em paz com sua família. Deus permite a Satanás que Jó seja tentado. Aos poucos, vai perdendo tudo: a sua família, os seus bens, a sua saúde. Apesar de tudo isso, a sua fé em Deus permanece inabalável. Eis a razão por que a história tem um final feliz. Deus recompensa a Jó por sua perseverança na fé. Ele recebe de volta tudo em dobro: património, saúde, família. Tem-se a impressão de que o próprio autor do livro de Jó não foi capaz de suportar o caráter escandaloso e inexplicável da atitude de Deus.



Uma das partes mais perturbadoras do livro é a sua longa secção intermédia. Nela, Jó se debate com Deus e discute com seus amigos. Seus amigos oferecem-lhe as respostas clássicas a fim de confortá-lo. Querem explicar o sofrimento. Por detrás dele deve estar a justiça. Deus está a castigá-lo pelo suposto mal que praticou. Têm uma resposta pronta para a sua situação. Têm explicações bem claras para o que está a acontecer no mundo e na vida do seu amigo. O sofrimento é um castigo. O Ser Humano é responsável; Deus não pode ser responsabilizado. Jó, no entanto, não se dá por satisfeito com estas respostas. A questão do sofrimento fica em aberto.

Deus não é útil. Até hoje, Deus não oferece respostas simples a questões difíceis que preocupam as pessoas. É fácil distanciar-se de Deus porque Ele não tem nenhuma utilidade para mim. No entanto, ignorar as questões sobre o mal e o sofrimento não me parece assim tão fácil. E menos ainda, retirar da equação o meu Deus, que eu sei que é o meu apoio. Deixa-me, pois, um tanto perplexo a resposta de Deus a Jó. Deus parece estar lhe dizendo: o pequeno Jó não é capaz

de alcançar aquilo do que o grande Deus é capaz. O homem tem de aceitar que não consegue perscrutar Deus. No livro de Jó, Deus tampouco se apresenta como um solucionador de problemas. E mesmo quando olho para o Novo Testamento: Mesmo tendo presente a vida e a boa nova de Jesus, fontes de alegria, o olhar para o Seu fim na Cruz que, de resto, é apresentado como vontade do Pai, não apresenta uma solução simples para um verdadeiro entendimento da vontade de Deus. O Domingo de Páscoa não é, de facto, um final feliz para a Sexta-feira Santa.



É tempo de falar de Deus. E de fazê-lo à luz da multiplicidade de experiências de fé, pois é evidente que permanece a experiência do amor, da compreensão, da amizade e da proximidade. Mas há também a experiência de ter que ser resistente, de não compreender e de, mesmo assim, se manter fiel a Ele com confiança e, no fim de tudo, manter a esperança. Ele quer o meu bem e o bem do mundo. Para alguns, a única oração que lhes resta é a queixa contra Deus – aliás, uma atitude de oração comum nos Salmos e muitas vezes esquecida. Mesmo que as pessoas não acreditem em Deus, seja porque não possam ou porque não queiram, ou porque Deus não mais se coloca para elas como uma questão relevante, Deus está presente. A existência de Deus não depende da fé das pessoas.

Para os Crentes, a experiência de Jó é imprescindível: Independentemente das mais diversas expressões de fé em Deus, Ele não serve como um instrumento meu ou nosso para projetos humanos. Não aligeiremos a nossa relação com Deus. Talvez a melhor resposta que nós, cristãos, podemos dar à questão do sofrimento e do papel de Deus é a de que assumimos a responsabilidade por transformar, ativamente e sempre que possível, as situações de sofrimento, de ódio, de guerra e outras semelhantes. Talvez os amigos de Jó deveriam ter perdido menos tempo a discutir sobre Deus e dedicado mais tempo a ajudar de forma ativa. Por isso, o nosso lugar, enquanto Igreja, tem de ser sempre ao lado dos que sofrem. Eis, pois, a tarefa de cada um e de cada uma de nós.

É tempo de falar de Deus. Talvez, possa-se dizer também nos seguintes termos: É tempo de “agir Deus”.

Desejo a todos e a todas um abençoado tempo de Quaresma.

Abençoe-nos o Deus trino e todo-poderoso,  
o Pai, e o Filho, e o Espírito Santo.



+ Peter Kohlgraf  
Bispo de Mainz

Mainz, primeiro domingo da Quaresma de 2024

„Não aligeiremos a nossa relação com Deus. Talvez a melhor resposta que nós, cristãos, podemos dar à questão do sofrimento e do papel de Deus é a de que assumimos a responsabilidade por transformar, ativamente e sempre que possível, as situações de sofrimento, de ódio, de guerra e outras semelhantes.“

